



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios 810 AM e 93 FM (Sistema Verdes Mares)

Fortaleza-CE, 10 de setembro de 2009

Jornalista: Paulo Oliveira vai entrevistar, com exclusividade, o presidente Lula. Alô, Paulo Oliveira. Bom dia, meu irmão.

Jornalista: Alô, Fortaleza; alô, Ceará; alô, Brasil. Bom dia, Carlos Augusto. Aos nossos queridos e estimados ouvintes o nosso abraço, o nosso carinho. Estamos aqui com o Presidente mais popular do mundo – primeiro, do Brasil, depois do mundo. Como disse o Barack Obama outro dia, “é o cara, meu”. Então, eu tenho um prazer muito grande de estar aqui com o presidente Lula pelo seguinte... Até porque a última vez, na última entrevista que eu fiz com o presidente Lula ele ainda era um sindicalista, o Lula, lá na... aqui na... no nosso estúdio da Rádio Verdes Mares. Passamos quase 50 minutos conversando.

Presidente, que prazer tê-lo aqui em Fortaleza mais uma vez, uma satisfação muito grande e um orgulho também, eu diria.

Presidente: Meu caro Paulo Oliveira, eu quero primeiro dizer para você da minha alegria de poder dar mais uma entrevista de rádio. Nós adotamos como prática nas minhas viagens pelo Brasil, em todas as cidades que eu chego a gente fazer uma entrevista para o rádio porque, apesar do avanço que nós temos, tecnológico, é verdade que o rádio continua sendo um instrumento...

Jornalista: O maior meio de comunicação.

Presidente: ...um meio de... muito precioso, porque é onde as pessoas mais humildes podem ouvir rádio o dia inteiro, é onde as pessoas que estão no carro



ouvem rádio, ou seja, não precisam chegar em casa para ouvir, é onde quiser, seja no tanque, seja na cozinha, seja numa (incompreensível), a pessoa está ouvindo rádio. Então, é um prazer, Paulo, estar conversando com você depois... Acho que é a primeira entrevista que eu faço depois de eleito presidente.

Jornalista: Pois é.

Presidente: Não sei se a culpa é minha ou a culpa é sua.

Jornalista: É nossa, de ambos.

Presidente: Mas, de qualquer forma, há sempre uma reconciliação nesse negócio. Então, é um prazer, eu quero cumprimentar os ouvintes da Rádio Verdes Mares AM e cumprimentar o povo do estado do Ceará.

Jornalista: Agora, com o nosso Paulinho Leme, (incompreensível). Bom dia.

Jornalista: Bom dia. Antes de cumprimentar o nosso governador, querido governador Cid Gomes, nossa prefeita Luizianne Lins também e o ministro da Educação, Fernando Haddad. É isso mesmo?

Jornalista: É isso aí. O Ministro da Previdência chegou aqui também.

Presidente: A delegação está forte hoje, a delegação está forte. O Ceará... O pessoal aproveitou que eu vim para cá, para ficar na praia no final de semana. Fernando Haddad, nosso companheiro Pedro Brito, o nosso querido companheiro (incompreensível), o Marcio Fortes que está ali, o Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia. A delegação está pesada.



Jornalista: Queremos agradecer pela escolha (incompreensível), está certo, Presidente? Com um detalhe: o senhor está ganhando de mim em popularidade por apenas um ponto, viu, Presidente?

Presidente: Espero que você passe na minha frente, aí teremos mais opções.

Jornalista: Está bom. Presidente, bom dia. Paulinho Lemos, da FM 93, nossa emissora, primeiro lugar no Ibope. Estamos agora em uma cadeia de 25 emissoras em todo o interior do Ceará, mais duas emissoras lá em Sobral, terra do nosso governador Cid Gomes.

_____ : (incompreensível) de Sobral.

_____ : É, mas Sobral porque Sobral já é quase a nossa capital. Presidente, então estamos aqui juntos nesta manhã festiva, para todos os ouvintes da rádio Verdes Mares AM, como da FM 93. Estava falando da delegação, não é? Então a gente não pode deixar também de falar da nossa Seleção. Eu sei que você gosta de futebol. Ontem o jogo valeu a pena assistir? E a nossa Copa do Mundo, que também vai ser sediada aqui em Fortaleza? Eu queria que você falasse sobre isso.

Presidente: Olha Paulo Leme, [quero], primeiro, também te cumprimentar e cumprimentar os ouvintes da FM 93. Eu acho que o Brasil, finalmente, o Brasil montou uma Seleção com cara de Seleção. Se a gente pudesse ter o direito de analisar o trabalho do Dunga, e isso (incompreensível) a Seleção, a gente acha que a grande virtude que tem na Seleção é que você tem um grupo de jogadores que encarnou a camisa da Seleção brasileira, você percebe que eles até estão cantando o Hino Nacional, coisa que a gente não via pouco tempo



atrás. Eu penso que é uma equipe que pode ter até gente melhor de fora, mas o espírito de Seleção, você sabe que em Seleção não basta ser bom de bola. Nós tivemos na história do Brasil jogadores extraordinários que nunca deram certo na Seleção, porque tem que encarnar o espírito de Seleção. Se um cidadão corre um quilômetro, precisa correr dois; se ele chuta o pé do adversário, ele vai ter que chutar um pouco mais, porque tem que ter fibra. Então eu acho que a Seleção está em uma posição muito boa. É preciso manter muita humildade, manter a seriedade, porque a Copa do Mundo é diferente. Além do estado emocional dos atletas na hora que entrar em campo, os adversários serão, eu diria, mais ousados, porque todo mundo quer ganhar a Copa do Mundo. Mas eu acho que o Dunga está no caminho certo, a Seleção jogou bem ontem. Você vê que o Chile é o segundo time nessa parada toda, o Chile está em uma posição boa, e o Brasil conseguiu ganhar de 4 X 2, eu acho que foi um feito...

Jornalista: Fizemos até o Maradona roer as unhas, não é, Presidente. Daí, já é um bom começo, não é?

Presidente: O Brasil está jogando com um equilíbrio extraordinário, veja, aqueles meninos não se assustam mais, não ficam nervosos quando sofrem o gol. A maior experiência foi contra os Estados Unidos na Copa das Confederações, ou seja, os Estados Unidos fazerem 2 X 0, e a gente voltar e ganhar o jogo foi uma coisa que demonstra muita sobriedade, serenidade e frieza dos jogadores. Então, eu acho que nós estamos no lugar certo com a Seleção brasileira.

Jornalista: Presidente, vamos falar um pouco de obras. Daqui a pouco o senhor vai a Sobral visitar obras do campus da universidade federal do Ceará. O senhor inaugura à tarde... Uma briga que eu tenho, muito grande, com a



Luizianne, nossa prefeita, com o governador Cid Gomes. O ensino profissionalizante, até porque eu venho da escola técnica federal do Ceará, fiz lá o curso de Edificações pela metade, não concluí, mas fiz. Então, eu vivo brigando

Presidente: Se tivesse concluído, poderia ser vice-presidente da República. Não concluiu... Eu concluí o meu no Senai, e cá estou eu.

Jornalista: Eu estava assistindo a sua história, agora há pouco, lá na rádio. Mas, presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva: serão construídas 20 escolas de ensino profissionalizante. Essa ideia, como a prefeitura já está fazendo, de tirar a criança do ostracismo para que ela não entre na droga, isso é muito bonito e eu quero felicitá-lo, felicitar os nossos governantes pela iniciativa do ensino profissionalizante, do qual eu fiz parte.

Presidente: Olha, Paulo Oliveira, uma coisa importante, e é a minha maior alegria quando eu vou a uma cidade inaugurar uma escola, porque no fundo, no fundo, o que eu penso é que eu tenho que dar para as crianças deste país, para os adolescentes deste país aquilo que eu não tive na minha infância. Ou seja, eu não tive oportunidade de ter facilidade de entrar em uma universidade. E eu acho que o grande erro do Brasil, do século XX, foi não ter investido na formação do seu povo.

Então, nós estamos fazendo, eu diria, uma revolução neste país. Eu acho que quem vier depois de mim vai ter um novo paradigma para fazer investimentos em Educação. Nós dobramos o dinheiro do Ministério da Educação. O ministro Fernando Haddad tem trabalhado com um carinho todo especial. E só para você ter exemplo do que está acontecendo no Brasil nesse momento: nós... a primeira escola técnica brasileira foi inaugurada em 1909 na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, pelo presidente Nilo Peçanha. Então,



até 2003 – de 1909 a 2003, quase um século, 94 anos – foram construídas no Brasil 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, estamos fazendo 214 escolas técnicas. Ou seja, em oito anos, estamos fazendo uma vez e meia aquilo que foi feito em um século.

De universidade, nós – e depois o Fernando Haddad pode falar um pouco – estamos fazendo 12 universidades, tem mais duas para serem aprovadas no Congresso Nacional, mais quatro para serem aprovadas no Congresso Nacional, inclusive a afro-brasileira, que vai ser uma universidade que nós vamos fazer – já está no Senado o projeto, me parece – nós vamos fazer em Redenção, para ter metade de alunos brasileiros e metade de alunos dos países africanos de língua portuguesa. É uma homenagem à libertação dos escravos neste país e um pouco do pagamento que o Brasil tem que fazer da nossa dívida com o povo africano.

Mas nós estamos fazendo, além dessas, nós estamos fazendo 104 extensões universitárias, levando braços das universidades federais para o interior deste país para permitir que os jovens das cidades do interior tenham universidade próximo deles. Nós estamos fazendo, na ciência e tecnologia – está aqui o ministro Sergio Rezende – possivelmente o maior processo de investimento já feito no Ministério da Ciência e Tecnologia, com o PAC, que significa R\$ 41 bilhões em ciência e tecnologia, para que a gente convença a sociedade brasileira e os empresários que a inovação tecnológica é a única possibilidade que nós temos de dar um salto de qualidade e garantir o País para o futuro.

Então, a Educação, além desses cursos das escolas técnicas, nós aumentamos para nove anos a permanência de crianças na escola brasileira; nós, até o final do ano, vamos fazer 1.500 creches, que nós financiamos e os prefeitos gerenciam essas creches para as mães poderem trabalhar e as crianças pobres terem lugar para ficar; além da quantidade de escolas de formação profissional que nós estamos fazendo.



Jornalista: E a qualidade, Presidente?

Presidente: O Ciro está dizendo... O Cid está dizendo aqui que vai fazer mais 20 aqui no estado do Ceará. Nós temos formação profissional para as pessoas que estão no Bolsa Família. Este ano nós vamos ter 170 mil pessoas se formando para que as pessoas deixem o Bolsa Família e possam ganhar um salário. Eu, agora, fui ao Rio de Janeiro entregar 2 mil diplomas de mulheres e homens que estão se formando, que eram pessoas do Bolsa Família. Além do programa ProJovem... A Luizianne está dizendo que aqui estão se formando 2 mil. Em outras cidades deve ter muito mais gente. Nós estamos investindo na formação profissional com o programa ProJovem, que é um programa extraordinário. Aqui na capital tem 14... 14 mil já se formaram.

Sabe o que eu penso, na verdade, sobre essa questão de escola? Eu penso o seguinte: todo ser humano que tem uma profissão, ele vira cidadão. Eu já tive dois momentos na minha vida: já procurei emprego sem profissão, em que você sai de manhã com a carteira profissional no bolso, batendo palma na porta das empresas e os caras falam para você “Não tem vaga”. Depois, quando você tem uma profissão, que você sai com a carteira e o cara pergunta: “O que você sabe fazer?”. Aí você fala: “Eu sou torneiro mecânico, eu sou desenhista, eu sou eletricitista, eu sou...” Qualquer coisa que se tenha, pelo menos ele pega o seu currículo. A chance de você encontrar um emprego é maior e a chance de você ganhar mais é maior. Eu digo todos os dias: eu sou filho de uma família de oito filhos. Eram 12, mas quatro morreram no nascimento. Eu fui o primeiro a ter uma profissão. Por conta disso, eu fui o primeiro a ter uma casa, o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma televisão. Por conta disso, eu fui o primeiro a ganhar mais de dez salários mínimos com a minha profissão.



Jornalista: Mesmo sendo o mais novo?

Presidente: Mesmo sendo o mais novo, eu era o caçula. Então, é esse o conselho que eu dou para as pessoas. Uma mulher, ela tendo profissão, ela vai ter uma vida mais independente. Uma mulher casada, com dois ou três filhos, que não tem profissão e que depende do salário do marido, ela, muitas vezes, é obrigada a aguentar desaforo porque ela fica agradecida pelo pão de cada dia que o marido leva para casa. Ora, não é por isso que uma mulher deve ficar junto com um homem. É porque ela gosta do homem, é porque eles se amam. Então, se ela tiver uma profissão e trabalhar, além de ajudar no orçamento, ela vai ser independente e o marido vai respeitar mais ela. E o homem, com uma profissão, vai poder cuidar melhor da família porque ele vai ter um salário maior. Ele vai ganhar três, quatro vezes, cinco vezes, sete vezes, oito vezes o salário mínimo.

Então, para mim é uma coisa sagrada investir em Educação. É uma coisa sagrada e eu faço isso... A primeira atitude que eu tomei no governo, Paulo Oliveira e Paulinho Leme, foi proibir de utilizar as palavras “gasto com dinheiro em Educação”. Educação é investimento e é o investimento mais rentável e o que traz retorno mais rápido para o País.

Por isso é que nós precisamos, nesses próximos dez ou 15 anos, fazer uma revolução total aqui no Brasil e fazer com que o Brasil seja um país altamente qualificado, do ponto de vista dos seus homens e das suas mulheres, para que a gente possa começar a exportar produtos de maior valor agregado, e não tem nenhum produto que possa ser comparado ao conhecimento. É isso o que nós queremos fazer para o Brasil e estamos tendo um bom começo.

Graças a Deus, eu saio da Presidência da República com a consciência de que eu sou o Presidente que mais investiu em Educação neste país. Não falo isso com orgulho não, porque teve presidente que ficou seis anos, cinco



anos, quatro anos, oito anos, e não fizeram uma universidade, não fizeram uma escola técnica. Aliás, não só não fizeram, como em 1998 aprovaram uma lei tirando do governo federal a responsabilidade pela educação técnica neste país.

Jornalista: Eu insisto em uma coisinha, Presidente, me perdoe: a qualidade do ensino.

Presidente: Olhe, eu vou lhe dar uma coisa... que a qualidade do ensino é das melhores que se possa ter.

Jornalista: Do ensino público.

Presidente: Do ensino público. Das melhores. Você vai ver o que vai acontecer neste país daqui – eu não quero ser muito ufanista, não –, daqui a oito anos, daqui a seis anos, quando a gente já tiver na rua uma geração desses meninos formados.

Quando nós criamos o Reuni, Paulo, eu vou lhe contar uma coisa engraçada. Quando nós criamos o ProUni... O ProUni hoje já está com 545 mil alunos. Em Fortaleza, ou no estado, acho que deve ter quase 7 mil alunos no ProUni. Nós fizemos a opção de colocar os meninos pobres da periferia para estudar. Eu fui muito criticado, teve jornais importantes que fizeram manchetes “Lula nivela a Educação por baixo”, porque eu estava colocando os meninos pobres da periferia na universidade. Outros criticavam que “O governo federal está financiando a universidade particular”, quando, na verdade, o que nós fizemos foi fazer uma troca de um determinado imposto por uma bolsa de estudos para um jovem.

Bem, nós estamos com 545 mil. Este ano, em março, se formaram os primeiros 56 mil alunos no ProUni. Aí criticaram, criticaram. Dois anos depois o



MEC fez a primeira avaliação: em 14 áreas os melhores alunos eram os alunos do ProUni, eram os pobres da periferia...

Jornalista: Oriundos da escola pública.

Presidente: Sim, e 40% negros. Isso é que é importante: 45% de meninos e meninas negros, ou seja, uma coisa extraordinária. Nós vamos chegar até o final do ano com umas 700 mil... 720 mil jovens na universidade, pelo ProUni.

O Reuni, nós fizemos um acordo com todos os reitores e nós resolvemos aumentar de 12 alunos, em média, por professor, para 18 alunos, em média, por professor. Você sabe que uma parte da elite brasileira que já estava na universidade federal... porque havia uma contradição no Brasil: o pobre faz na escola pública o ensino fundamental, que não era de boa qualidade, e o rico fazia a privada. Aí, quando chegava na hora da universidade, o rico ia para a universidade pública e o pobre tinha que ir para a universidade paga.

Então, nós aumentamos, para ver se colocávamos mais jovens. Só para você ter ideia, teve gente que quebrou reitoria, estudantes, com discurso de esquerda. Mas, na verdade, eu acho que era um preconceito elitista, de direita, para não permitir que entrassem 18 alunos por sala de aula, porque era muito.

Pois bem, este ano nós, que tínhamos uma média histórica de renovação de 113 mil alunos por ano, nas universidades federais, este ano chegamos a 227 mil alunos. Ou seja, nós dobramos o número de entrada de alunos novos na universidade federal. E vai aumentar muito mais quando todas as universidades estiverem prontas.

O ensino é de qualidade e eu acho que tem que ser de qualidade porque este país precisa ter novas referências. No Brasil, nós costumamos muito nivelar o Brasil por baixo. Nós mesmos, às vezes, tratamos de jogar o Brasil no fundo do poço, “que as coisas aqui não funcionam, que as coisas aqui não



prestam, que tudo aqui...” Isso é mania nossa. Eu acho que nós temos que mudar: nós temos que gostar da nossa casa, nós temos que gostar da nossa rua, nós temos que gostar do nosso bairro, nós temos que gostar da nossa cidade, nós temos que gostar do nosso estado e do nosso país.

Jornalista: E de nós mesmos (incompreensível).

Presidente: Ou seja, nós temos que gostar de nós mesmos. Nós temos que ter autoestima por aquilo que nós somos. Sabemos que tem muitas coisas erradas, tem. Mas são erros históricos e que a gente não consegue consertar em oito anos. Mas que hoje o brasileiro está muito mais orgulhoso e tem muito mais autoestima do que tinha pouco tempo atrás, ele tem, porque ele começa a acreditar, ele começa a ver o Estado com políticas públicas na periferia. Se você... Aqui em Fortaleza, no Rio de Janeiro, em Recife, em Salvador, onde você for, você vai ver a combinação perfeita entre governo federal, governo estadual e prefeitos, fazendo obras e mais obras e mais obras e mais obras neste país, levando coisas que beneficiam o povo mais pobre. Porque, sabe o que acontece? Se você continuar fazendo políticas só para a classe mais alta, você vai só aumentando o exército de pobres. E nós precisamos, agora, estender a mão para essa gente que não teve oportunidade durante todo o século XX e trazê-los, para que o Brasil se torne um país de classe média, onde todos possam trabalhar, estudar, ter acesso à cultura e sentir muito orgulho do nosso verde e amarelo.

Jornalista: Presidente, ainda nesse tema, para finalizar, emprego para tanta mão-de-obra especializada está sendo gerado?

Presidente: Por favor, querido.



Jornalista: Emprego para tanta mão-de-obra especializada, esse emprego está sendo gerado no Brasil?

Presidente: Veja, o Brasil está em uma fase... Se a gente olhar o mundo, a gente vai sentir muito mais orgulho do Brasil. Você está lembrado que eu disse que a crise ia chegar por último no Brasil e que sair primeiro. Disse até que a crise aqui era uma marolinha, que não era a crise que estava nos Estados Unidos. Qual é o dado concreto? Nós hoje fizemos a política correta porque tiramos impostos de alguns produtos importantes. Os governadores dos estados passaram mais de 20 anos sem ter dinheiro para investimento, hoje todos os governadores têm dinheiro para investimento, dinheiro do governo federal, dinheiro de capacidade de refinanciamento da dívida que a Fazenda acertou com os governadores, dinheiro do próprio estado. Então, hoje você percebe que o Brasil está trabalhando, não é o governo federal que espera chegar um governador ou um prefeito com o chapéu na mão pedindo dinheiro, não.

Hoje, em qualquer cidade deste País tem alguma obra do governo federal em parceria com o estado, em parceria com as prefeituras. Obviamente que o Brasil tinha criado 11 milhões de empregos, quando chegou a crise nós já tínhamos criado 2 milhões e 57 mil empregos até outubro do ano passado. Depois teve uma queda entre outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro e a partir de março começou a crescer. Nós vamos terminar este ano com um milhão de empregos novos com carteira profissional assinada. Não tem lugar no mundo em que seja criado um milhão de empregos. A China, que criava 9 milhões de empregos por ano, a China agora está criando 3 milhões de empregos por ano.

Então, eu acho que vai ter emprego para todo mundo logo, logo, porque se a economia continuar crescendo do jeito que ela já está crescendo e [se no] ano que vem a gente tiver um crescimento de 5%, eu acho que nós entraremos



em um outro momento histórico de crescimento econômico e vamos precisar de muita mão-de-obra especializada. Além de a gente não ter noção do que vai significar a exploração de petróleo no pré-sal, a gente não tem noção.

A gente não tem noção do que vai ser o estado do Ceará quando estiver implantada aqui em Fortaleza uma refinaria de 300 mil barris/dia, uma refinaria que vai custar R\$ 17 bilhões para ser feita; a siderúrgica que, se Deus quiser, eu volto aqui em dezembro para a gente começar a terraplanagem da siderúrgica aqui; e também a Transnordestina, e também a transposição do São Francisco. Ou seja, são obras que as pessoas imaginavam que eram impossíveis de fazer...

Jornalista: A transposição está em andamento...

Presidente: Está em andamento. Eu agora, acho que quando eu voltar dos Estados Unidos, eu, o governador do Ceará, o governador de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, vamos fazer uns três dias de andança pelas obras do São Francisco para a gente ver de perto o que está acontecendo.

Jornalista: Paulinho Leme.

Jornalista: Ok. Presidente, são 138 milhões que estão sendo investidos para a realização de cinco obras aqui na região do rio Maranguapinho. Estão sendo construídos dois conjuntos habitacionais também, as 20 escolas. Hoje o senhor veio aqui inaugurar a promessa da campanha da nossa prefeita Luizianne Lins, que é o centro urbano de cultura, arte, ciência, esporte – que é o Cuca –, que é uma ideia maravilhosa que a nossa prefeita, juntamente com o senhor, Presidente, está colocando hoje nas mãos da população cearense, lá no bairro da Barra do Ceará. Além dessas obras todas que o senhor está apresentando, inaugurando, hoje, a gente falou também da refinaria, da siderúrgica também,



que são propostas de empreendimentos de obras cearenses com o apoio federal. E a gente quer saber, também, a questão do Metrofor. Como é que estão essas coisas todas, já que inúmeras confirmações de continuidade... que o Metrofor ainda deixa, aí, o povo cearense a pegar o transporte coletivo, do ônibus, ainda passando grande sufoco.

Presidente: Deixa eu lhe dizer uma coisa com relação ao metrô. O ministro Marcio Fortes até está aqui. Quando eu tomei posse no dia 1º de janeiro de 2003, nós tínhamos quatro metrôs em andamento: nós tínhamos Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza e Recife, e todos eles sem dinheiro. Então você ficava naquela situação. Você está lembrado que quando eu tomei posse eu fui obrigado a fazer um corte de R\$ 12 bilhões no primeiro orçamento, além de entrar com quase R\$ 10 bilhões de restos a pagar, deixados pelo outro governo. Então, a gente não tinha dinheiro. Então, qual foi o primeiro passo? A gente... Na verdade, pingava dinheiro para que a gente não paralisasse totalmente as obras, não desativasse as obras. Depois de 2005, nós começamos a colocar um pouco mais de recurso nos metrôs e aí começou a aparecer problemas nos metrôs. Ora problemas do Tribunal de Contas da União, ora problemas de empresa brigando com empresa. O dado concreto é que o metrô demorou muito mais do que a gente queria e do que a gente previa. O Ministro das Cidades, depois, pode vir aqui no meu microfone responder a uma pergunta. Mas a palavra de ordem dada por mim ao ministro Marcio Fortes é que nós precisamos acabar esses metrôs, para a gente começar outros. O metrô de Fortaleza, o metrô de Salvador... Muitas vezes trabalha uma semana, para um mês; trabalha um mês, para dois meses, ou seja, sempre aparece uma coisa qualquer. Teve metrô que teve mudança de projeto no meio do caminho... Mas agora nós estamos determinados a acabar com isso, porque nós precisamos começar, porque outras cidades estão precisando de metrô também.



Jornalista: Presidente, o senhor falou do pré-sal. Semana passada eu li que o governador do estado do Ceará teria ficado irritado, porque parece que não vai sobrar nada para cá...

Presidente: Eu fiquei sabendo depois.

Jornalista: O senhor ficou sabendo depois, não é Presidente? Agora, preste atenção, Presidente. Eu estive na semana retrasada com um grande empresário aqui do Ceará visitando as Serras Gaúchas, que eu não conhecia. E eu vi tanta riqueza acolá, pelo amor de Deus. Eu digo: eu vou perguntar ao presidente Lula por que o Nordeste continua sendo o enteado da nação?

Presidente: Eu vou lhe dizer o porquê. Porque durante todo o tempo de descobrimento do Brasil...

Jornalista: Quinhentos e nove anos.

Presidente: ... o Nordeste foi tratado... Em um primeiro momento, era em razão do interesse da Coroa portuguesa, que se produzia cana-de-açúcar, mas depois o desenvolvimento do Brasil todo, quando a capital foi transferida para o Rio de Janeiro, o desenvolvimento todo seu deu para a região Sul.

Jornalista: Estão brigando lá pelo pré-sal, não é? Esses três estados...

Presidente: Obviamente, é uma terra de qualidade, houve muito investimento naquela região porque lá estava a Coroa, lá era a capital do País, então teve muitos recursos e eu acho que tinha que ter mesmo. Agora, o que não podia era não haver isonomia no tratamento que o governo tinha que dar aos 27



estados da Federação. Você veja que o Brasil só começou a pensar, a se desenvolver fora da região Centro-Sul e Sudeste depois que o Juscelino resolveu mudar a capital para Brasília, isso já em 1955, 56, 57. O Brasil era muito... Você pega a história do Brasil, você vai ver primeiro três séculos só no litoral, depois o restante no Sudeste e no Sul do País, e o Nordeste vai ficando para trás. Se você pegar mortalidade infantil, o maior número é no Nordeste; se você pegar analfabetismo, o maior número é no Nordeste; se você pegar o número de doutores, o menor número é no Nordeste; se você pegar mestres, o menor número é no Nordeste; se você pegar investimento em ciência e tecnologia, o menor número era no Nordeste. Ou seja, o Nordeste foi sendo descartado na hora em que o governo central tinha que definir suas políticas públicas.

Ora, nós resolvemos mudar isso. A Petrobras não queria fazer refinaria, Paulo Oliveira. A refinaria de Pernambuco, do Maranhão, de Fortaleza e de Natal é determinação do governo. Nós precisamos fazer para desenvolver as outras regiões do País. Você pensa que alguém que tem a cabeça apenas no centro desenvolvido do País iria querer investir dinheiro na transposição das águas do rio São Francisco? Isso está desde 1847 sendo pensado. Você pensa que alguém ia querer pensar na Transnordestina? Não iam querer pensar porque “bom...”. As pessoas só querem saber de viabilidade econômica. Ora, é verdade que um lugar que tenha muita produção, você tem viabilidade econômica para fazer um porto, um aeroporto, uma ferrovia. Mas a verdade também é que em algumas regiões que ainda não têm, é a ferrovia, é a estrada, é o porto que vão dar viabilidade econômica para aquela região.

Então, nós, agora, o que nós queremos? Nós queremos continuar tratando o Sul e o Sudeste com o carinho que eles merecem, mas nós queremos priorizar investimentos nas regiões Norte e Nordeste, que são as regiões que ficaram para trás. E aí, eu não governo com a sabedoria de um presidente, não. Não é apenas a minha cabeça, não. É o meu coração, é o



sentimento de mãe, de pai. Uma mãe pode ter dez filhos. Ela pode gostar de todos igual, mas aquele que está mais fragilizado é o que ela vai fazer mais denovo, é o que ela vai cuidar mais, é o que ela vai dar mais comida, e eu acho que o Nordeste é esse filho do Brasil que ficou esquecido e nós precisamos trazer as coisas para o Nordeste, para que o Nordeste fique igual ao restante do País.

Jornalista: Então o pré-sal vem para cá, para ganhar alguma coisinha para nós.

Presidente: Veja, o pré-sal... Deixa eu lhe falar do pré-sal. A primeira coisa do pré-sal, que nós estamos fazendo, é o seguinte: essa questão dos *royalties* nem vai entrar agora porque quando a gente for explorar o petróleo, na verdade vai ser... o grosso do petróleo que a gente vai tirar vai ser lá para 2016, 2017, 2018. Não é uma coisa para daqui a quatro anos, porque é um investimento alucinante de sondas, de plataformas. Só navios, a Petrobras está contratando 200, só navios. São 38 sondas, Cada sonda custa de US\$ 1,5 bilhão a US\$ 2 bilhões, e isso leva tempo para a gente construir.

Então, o que nós estamos fazendo? Nós estamos fazendo agora a regulação. O petróleo é da União, portanto, o petróleo é do povo brasileiro. Conseqüentemente, a riqueza do petróleo será distribuída para todos os brasileiros. Eu propus a criação de um Fundo com o dinheiro do pré-sal. A diferença é que na concessão, o cidadão que pagou o bônus – entrou no leilão e pagou o bônus –, ele paga um bônus numa quantia em dinheiro e ele é dono do petróleo na hora em que o petróleo está no fundo e passa a ser dono na hora em que o petróleo está na boca. E aí ele paga *royalties* e paga uma participação especial, e o petróleo é dele, ele leva embora. O que nós queremos fazer? O petróleo é nosso no fundo e é nosso na boca. Primeiro, o petróleo é do povo brasileiro. Estão me chamando de estatizante, isso não me



preocupa, não. Eu prefiro ser estatizante do que vendilhão.

Então, nós queremos que o petróleo fique na mão do Brasil, do povo brasileiro, e que se crie um Fundo para que a gente possa dar a esse povo, no século XXI, aquilo que não foi dado no século XX, no século XIX. Esse Fundo, nós vamos fazer investimentos para que ele seja rentável. E, desse Fundo, nós priorizamos quatro coisas. Primeiro, investimento em educação e em ciência e tecnologia...

Jornalista: Prioridades?

Presidente: ...investimento em meio ambiente e em cultura, e cuidar da pobreza deste país. E aí todos os estados terão partes iguais. Obviamente que nós levamos em conta os estados onde têm... o petróleo está mais próximo, e nós vamos tratar isso com carinho. Agora, qualquer estado, de Roraima ao Rio Grande do Sul, todos terão participação equânime nessa história do petróleo, porque é a chance que o Brasil tem. A gente não pode permitir que o dinheiro seja torrado, a gente não pode permitir que o dinheiro entre no ralo comum dos gastos administrativos que nós temos no governo. É preciso você especificar no que você vai gastar, para que você possa extrair do petróleo uma nova riqueza, que é a formação do nosso povo.

Eu conheço país rico em petróleo e o povo continua pobre. Por quê? Porque é um dinheiro fácil. As pessoas acham que não precisam fazer nada mais, é só torrar o dinheiro. E eu quero que esse dinheiro seja transformado na riqueza mais preciosa que um país pode ter, que é a boa formação e a boa qualidade de vida do seu povo.

E nós não vamos exportar óleo cru. Que não venham aqui querer comprar óleo cru para a gente exportar, não. Nós vamos querer exportar produtos com valor agregado, ou seja, nós vamos querer refinar aqui. É por isso que está sendo feita uma refinaria de 300 mil



barris aqui no Ceará. Já era para estar tudo pronto, o terreno, tudo, mas teve um probleminha aí...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, acho que é um problema com demarcação de terra indígena, um negócio assim.

Jornalista: É verdade.

Presidente: Então, nós vamos cuidar disso com carinho. Mas eu já queria começar a terraplenagem aqui este ano, no Maranhão este ano, para que a gente possa dar mais esperança ao povo do Ceará, ao povo nordestino e ao povo brasileiro.

Jornalista: Beleza, Presidente. Presidente, estamos aí ao vivo, em cadeia com a Rádio Verdes Mares AM, FM 93, 25 emissoras no interior do estado. Presidente, o assunto pré-sal está em pauta...

Jornalista: Daqui a pouco o senhor dá uma entrevista exclusiva, Presidente, para mim, programa Paulo Oliveira na TV, diário, a TV do Nordeste. Certo?

Presidente: Certo.

Jornalista: Continuando a minha pergunta, já que o assunto do pré-sal está em pauta. Também, logicamente, em pauta o assunto da sucessão presidencial, não é, Presidente, que a gente já sabe que o nome para a Presidência da República que o senhor vem dando a sugestão, o apoio, da competente Dilma Rousseff. Aí o senhor, Presidente, já pensa em algum nome



para a Vice-Presidência ou, quem sabe, uma dobradinha Dilma Rousseff-Ciro Gomes, ou vice-versa? O Ciro está por aqui, cuidado que o Ciro está por aqui.

Presidente: Você sabe que eu estou proibido de falar sobre esse tema.

Jornalista: Ah, é?

Presidente: Não, veja, nós estamos entrando numa fase importante, em que os candidatos começam a se apresentar. Eu acho que lá para março ou abril do ano que vem você já tem praticamente os nomes definidos. Nós não sabemos quais os partidos que vão ter candidatos. O Partido dos Trabalhadores apresentou a Dilma. O PSB vai, certamente, apresentar o companheiro Ciro Gomes. Eu estou ouvindo dizer que a Marina vai sair pelo PV. Não sei se a Heloísa Helena sai candidata. O PSDB está discutindo Serra ou Aécio. Não sei se o DEM vai ter candidato. As coisas estão...

Jornalista: Caminhando.

Presidente: ...estão caminhando.

Jornalista: Mas para (incompreensível), o senhor sabe um nome (incompreensível) ou não?

Presidente: Qual é o problema? Não posso ser eu sequer a discutir isso. Eu acho que...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...se a Dilma for consagrada como candidata, ela é que vai ter que



escolher o vice junto à sua base aliada. Imagine, se eu já escolhi uma candidata, ainda vou escolher o vice, aí o que vão ficar dizendo?

Jornalista: Mas o senhor, como bom conselheiro político, tem que dar um apoio.

Presidente: Veja, olha, eu vou lhe contar uma coisa, de coração. Eu acho que o Brasil está vivendo um momento rico, porque se a disputa se der entre Ciro e Dilma, se a disputa se der entre Marina, Dilma e Ciro, eu acho que já é um avanço extraordinário para o Brasil. O que nós precisamos é fazer o povo brasileiro compreender que você não pode arriscar a votar em alguém que não dê continuidade às coisas que estão sendo feitas neste País, porque não tem nada mais desgastante para um país do que você... Tem uma cidade em que você é prefeito, aí você sai da prefeitura, entra um outro e paralisa tudo o que você está fazendo, começa tudo de novo, aí você vai criando um exército de obras inacabadas no País. Eu confesso a vocês que vai ser uma eleição disputada, acho que nós vamos disputar as eleições em um momento muito bom, e eu penso que a base do governo vai ganhar as eleições.

Jornalista: Presidente, ontem eu vi uma matéria no jornal sobre o vice-presidente José Alencar, que ele estava entregando os pontos... Sempre foi um grande guerreiro, como é que está o estado de saúde dele?

Presidente: Não, aquele, aquele não entrega os pontos não, meu filho, aquilo é guerreiro. Ora, eu digo todo dia, Paulo, o seguinte: eu acho que não tem nenhum, nenhum presidente no mundo que tenha um vice [como o] que eu tenho. Eu sou muito católico, de vez em quando eu falo: tem coisa que é o dedo de Deus que faz acontecer porque, veja, eu não conhecia o José Alencar. Eu ia a Belo Horizonte, dormia no Hotel Wembley, que era dele, eu não o



conhecia... Eu ficava, há mais de dez anos eu ficava no hotel dele, que era um hotel três estrelas, um hotel pequeno até. Quando foi um dia, eu fui convidado para a festa de 50 anos do José Alencar. Eu não queria ir. Hoje eu conto isso para ele e nós ficamos rindo juntos, porque eu dizia para os companheiros: eu não vou a uma festa de um empresário, o que eu vou fazer na festa de um empresário que eu nem conheço?

Jornalista: Eu também morro de medo.

Presidente: Mas aí me convenceram e eu fui, eu fui à festa. Cheguei lá e estava o Ciro Gomes, estava... tinha, acho que uns dez governadores de estado estavam lá...

Jornalista: E o senhor sindicalista...

Presidente: ... e aí eu vi que ele era importante, eu vi que ele era importante porque tinha muito governador, tinha muita autoridade, muito deputado, muito senador. E eu estou lá... Daqui a pouco, vieram perguntar para mim se eu queria falar. Eu falei: não, não vou falar, vou falar o quê? Porque era para falar sobre os 50 anos do José Alencar. Eu não tinha mote para falar. Daí eu falei: Olha, eu acho que quem deve falar é o José Dirceu, que é presidente do partido, eu estou aqui como convidado. Aí eu ouvi o discurso do José Alencar. Na hora em que ele acabou de falar, eu falei para o José Dirceu: pronto, encontrei o meu vice. Uma semana depois, eu fui a Brasília conversar com ele. Ele tinha acabado de ser derrotado no PMDB para ser presidente do Senado, ele só teve o voto dele, estava muito chateado. Eu falei: Zé, eu vim aqui lhe convidar para ser meu vice. “Ah, mas eu não sei, o PT não vai me aceitar, não sei quem não vai me aceitar”. Eu falei: Zé, eu estou lhe convidando. Vamos topa. Ele ficou de pensar e falou: “Eu topo, eu topo”. Olha, eu estou... nessa



convivência que eu tenho com o José Alencar... é um homem... e esse sofrimento dele, essa... um dia está melhor, no outro dia não está melhor, um dia o tumor sumiu, noutro dia o tumor volta, um dia o tumor diminui, noutro dia o tumor... ele esta semana participou de reunião conosco. Ele... quando ele está falando, é de um entusiasmo tão grande, que você não sente que ele está doente. Mas você sabe que a doença é grave e que agora ele começou uma segunda fase de quimioterapia, porque o remédio que ele estava tomando, o remédio americano, não deu resultado. O tumor cresceu 14 milímetros. Eu vou te dizer uma coisa: eu acho que esse homem ainda vai nos dar muitas surpresas porque ele é um guerreiro... Obviamente que eu não queria estar sentindo as dores que ele sente. Ele deve estar sofrendo por dentro, mas por fora ele continua o mesmo guerreiro que engrandeceu este país.

Jornalista: E o melhor ainda é saber que o nosso Vice-Presidente da República tem ao lado um ser humano como o senhor, que eu sei que é um homem de fé. Os nossos ouvintes, não é, Paulo Oliveira, não estão vendo, mas quando o senhor fala no seu Vice, o senhor fica emocionado, fica... chegam os olhos a lacrimejarem, quando fala. É ser homem de Deus. É o que eu digo: o senhor é um homem de Deus, que está fazendo tanto pela população nordestina. É um homem que está fazendo acontecer, principalmente para as pessoas menos favorecidas. E eu fico muito feliz de estar fazendo esta entrevista junto com o Paulo Oliveira, junto com os nossos ouvintes, senhor Presidente.

Para fechar a minha participação, tivemos agora há pouco o 7 de Setembro. Surgiu na imprensa, aí, que o senhor ia retirar de Brasília a comemoração oficial do 7 de Setembro, como a data da Independência. Como é... Eu queria saber como é que ia ser comemorada essa data, já que esse feriado... Não sei se o senhor sabe. Esse feriado de 7 de Setembro foi instituído por um cearense, o jornalista Luís Sucupira, do qual eu tenho muito



prazer de dizer que sou neto. Eu queria saber onde seria comemorado o 7 de Setembro? Podia ser em Fortaleza, aqui também, não? Na Avenida Beira-Mar?

Presidente: Deixa eu te falar uma coisa. Este ano, já não era para ter sido em Brasília, ou seja, vai ter o 7 de Setembro em Brasília. Eu dei ao ministro Jobim a ideia de que seria importante que, a cada ano, o presidente pudesse participar em um estado. Só que este ano estava convidado o presidente Sarkozy e a gente achou por bem não mudar, para fazer lá em Brasília. Mas, a minha ideia é que... Daqui para a frente eu só tenho mais um 7 de Setembro como presidente, então... Mas a ideia era que a gente pudesse, em cada ano...

Jornalista: Fantástico.

Presidente: Os comandantes das Forças Armadas, o Ministro da Defesa, irem a um estado, fazer naquele estado a principal comemoração do 7 de Setembro, naquele ano.

Mas deixa eu... vou te dizer uma coisa do José Alencar... Eu e o José Alencar, de vez em quando a gente se senta para conversar, às vezes tomamos uma cerveja, às vezes tomamos um uísque, e começamos a contar a nossa vida. Eu acho que eu sou chorão e o José Alencar também é chorão, e nós choramos. Não poucas vezes, muitas vezes, quando a gente começa a contar a nossa história...

Jornalista: Homem também chora, já diz a música do Fagner...

Presidente: E você sabe que o José Alencar... No Brasil tem uma coisa inusitada, Paulinho Leme. O que é inusitado? O José Alencar saiu do nada, saiu de casa com 14 anos de idade, dormiu em corredor de hotel porque não podia pagar quarto. E o José Alencar virou um megaempresário, um



megaempresário. Hoje a empresa dele é, possivelmente, a maior do mundo na sua área de especialidade. Ele comprou, inclusive... Não, comprou uma grande empresa americana, a maior dos Estados Unidos eles compraram.

Bom, e esse megaempresário, que saiu do nada, encontra com um dirigente sindical que nem o conhecia. Nós dois não temos diploma universitário. Eu acho que é o primeiro país do mundo que é governado por dois cidadãos que não têm diploma universitário. Eu virei um sindicalista, ele virou empresário, e nós nos encontramos quase 60 anos depois de termos nascido.

Então, quando eu falo do José Alencar eu fico emocionado, porque eu acho que pode ter gente leal, honesto, batalhador igual; mais não tem, mais não tem. Na história dos países, você está cheio de vice que cria problema, e o José Alencar só ajuda. É um companheiro de primeira grandeza. Ele é um homem de muita fé, a família dele reza muito, a mulher dele faz muitas rezas na casa dela, porque nessas horas a fé conta muito. Conta muito, e eu acho que ele... é isso que está mantendo ele.

Ele, esses dias, queria ir para a Rússia. Eu falei: Zé, você não pode ir para a Rússia, simplesmente você não pode. Com esse tumor aí, como é que você vai para a Rússia? E se passar mal lá?

Jornalista: (incompreensível) Cuca, lá na Barra do Ceará, (incompreensível) já falou. A outra pergunta: popularidade assim envaidece ou a responsabilidade aumenta muito mais na vida, a responsabilidade?

Presidente: Não, eu aprendi há muito tempo, Paulo Oliveira, a não me preocupar com a vaidade, porque eu já tive altos e baixos, eu já perdi três eleições. Então, eu acho que a história me calejou. Para mim saber que pesquisa de opinião pública é que nem pressão arterial, ou seja, tem horas que você está com 14 por 9, tem horas que você está com 10 por 6. Mas se você



se cuidar, você vai ficar sempre com 12 por 8, 12 por 7, que é a minha.

Jornalista: A minha também, mas com um comprimido...

Presidente: Então, veja, eu estou trabalhando porque nós ainda temos muita coisa para fazer no Brasil. Te confesso que eu não me preocupo com pesquisa. Essa é uma coisa que eu agradeço a Deus por não permitir nem que a minha cabeça suba nem que ela desça por causa de pesquisa. Tem um trabalho e eu tenho certeza que na hora em que o trabalho está acontecendo, a gente é reconhecido.

Eu acho que o Nordeste vive um momento excepcional. Os governadores do Nordeste hoje, todos eles, têm uma vontade extraordinária. Quando a gente vê uma moça como a Luizianne, que estudou para ser jornalista e terminou virando prefeita de Fortaleza, e a gente vê a dedicação, a gente vê as coisas andarem, a gente vê a quantidade de obras que tem em Fortaleza; quando a gente vê um menino como o Cid, como o Eduardo Campos, como o Marcelo Déda, trabalhando, é que mudou a cara do País, mudou o jeito das pessoas entenderem. Hoje eles não são um governador que vai a Brasília conversar com o Presidente; ou eu, o Presidente, que vem a Fortaleza conversar com o governador. Antes de tudo, nós somos companheiros, todos companheiros. Se der certo para um, dá certo para todos. Nós estamos no meio de um barco chamado Brasil. Não existe possibilidade de um estado ser rico e o País ser pobre, ou o País ser rico e um estado ser pobre. Não é possível continuar assim. Nós temos que equalizar este país, fazer com que todos tenham oportunidade neste país.

Eu acho que o ser humano, quando tem oportunidade, ele vai embora. Não tem nada na vida... Quando um ser humano está motivado, ele acredita, ele vai embora. Eu tenho dito nos meus debates, nas inaugurações de escolas – hoje eu não vou dizer porque eu já disse aqui, então não vou dizer mais lá –,



eu tenho provocado a juventude porque a juventude é muito ciosa, a juventude é muito... ela quer as coisas muito rápidas. Às vezes, na cabeça da juventude, nenhum político presta, então negam tudo. Eu tenho dito para eles o seguinte: olhem, vocês... na hora em que vocês estiverem desesperados, que estiverem negando a política, imaginando que o País pode ser governado por alguém perfeito, entrem vocês na política porque, quem sabe, a perfeição que vocês querem está dentro de vocês. Não está em mim, não está na Luizianne, não está no Cid. Então, não desanimem, até porque não há espaço para um jovem desanimar, não há espaço. Ou a gente luta ou a gente não vence.

Jornalista: Presidente, obrigado pela presença no nosso programa, são duas emissoras aqui em Fortaleza, mais 25 no interior do estado, e pela internet estamos para o mundo inteiro. Prazer tê-lo aqui com a gente.

Presidente: Paulo, eu queria, de coração, agradecer a você, agradecer ao Paulinho Leme, agradecer aos ouvintes que tiveram paciência de nos ouvir. Quero agradecer também à Rádio Regional AM de Sobral, e à Rádio Paraíso FM de Sobral, que eu sei que estão lá... Daqui a pouco nós vamos estar aí.

Jornalista: “Estou chegando, hein?”

Presidente: E dizer para vocês o seguinte: olhe, eu penso que, possivelmente... não sei se vocês tentaram, ou ficaram inibidos ou não conseguiram. Mas eu quero que vocês saibam de uma coisa: eu gosto de falar com rádio. Até porque, como eu não sou muito bonito, ninguém está vendo a minha cara, está ouvindo a minha voz, então...

Jornalista: O rádio é o palco da imaginação, não é, Presidente? O pessoal imagina que nós três...



Presidente: O rádio é bom por isso, porque as pessoas não estão me vendo, estão me imaginando.

Jornalista: É. É o palco da imaginação.

Presidente: Então, daqui a pouco, acho que eu vou para a televisão, e quando me virem falam: “Hum, que decepção...”

Jornalista: Tira as crianças da sala.

Presidente: Mas foi um prazer. Foi um prazer poder conversar com vocês. O rádio é importante porque a gente não tem que passar base no rosto, a gente não tem que ficar olhando o colarinho da camisa, não tem que fazer nada. A gente fica mais à vontade, muito mais à vontade. Muito obrigado a vocês, espero que tenhamos outras entrevistas.

Jornalista: Obrigado. (incompreensível) cearense. O Paulinho Leme agradece a presença, o Paulo Oliveira, e os nossos ouvintes. Até o nosso próximo encontro, Presidente.

Presidente: Até lá, Paulinho.

Jornalista: Quero ver o senhor aqui de volta, na transposição da água do rio São Francisco, a transposição das águas, quero ver o senhor aí inaugurando a primeira parte.

Presidente: É até importante fazer um convite para vocês. Quando eu vier visitar as obras do rio São Francisco, eu gostaria de convidar vocês para irem.



Jornalista: Eu estou dentro.

Presidente: Para nós era importante levar os jornalistas. Nós vamos convidar a imprensa estrangeira porque, veja, pela primeira vez nós estamos fazendo revitalização do rio São Francisco, recuperando as matas ciliares, recuperando as margens do rio, fazendo esgotamento sanitário em todas as cidades, regularização fundiária, levando água para as comunidades que estão perto, que não tinham água.

Jornalista: O governador Cid Gomes está mostrando aqui as fotos, no celular dele, lá em Mauriti, já, acabou de chegar. Está andamento. Lá em Mauriti.

Presidente: Deixa eu dizer para vocês, para vocês entenderem porque essa obra é motivo de orgulho para mim, porque Dom Pedro tentou fazer essa obra. Depois de Dom Pedro, em 1846, vários presidentes tentaram fazer essa obra. Tinha presidente que vinha aqui no Ceará e era favorável; chegava na Bahia era contra; chegava na Paraíba era favorável; chegava em Recife era contra; chegava no Rio Grande do Norte era favorável; chegava em Alagoas era contra, porque tinha aquele negócio do estado doador e o estado receptor. Ora, meu Deus do Céu...

Jornalista: Dançava conforme a música.

Presidente: O rio é brasileiro. Essa água que a gente não pegar para matar a sede do povo do sertão vai cair no mar. Ora, veja. E nós, em dois anos, com um trabalho muito forte do Ciro Gomes, é preciso... O José Alencar fez uma primeira fase e o Ciro Gomes fez a segunda fase, a gente conseguiu fazer o projeto. Colocamos no PAC, colocamos dinheiro, não falta dinheiro para essa



obra. A gente pode ter problema em outro lugar, mas dinheiro não falta, porque essa obra tem que sair.

Jornalista: Podemos, então, contar com a sua presença na inauguração dessa primeira parte.

Presidente: Se Deus quiser. Aí, se não for como presidente, eu venho como cidadão brasileiro.

Jornalista: Como ex-presidente.

Presidente: Um abraço.

Jornalista: Um grande abraço, Presidente.

Presidente: Fica com Deus.

(\$31DHJLP)